

Plenário Honorário - Conto - Escalão B

C.L. Maia 2011

Autor: Diogo Rafael Veiga Carneiras

VOO OBLÍQUO

José Meguinho

O Sol queimava o rosto plácido da Brisa que pousava a sua leve cabeça no ombro do Vento. Juntos, timidamente sentados sobre rochedos húmidos, vislumbravam o sol poente. O mar estava calmo... tão calmo. A Brisa olhou de frente o Vento e beijou-o. Quando abriu os olhos disse:

- Não achas estranho este Mar tão fatalmente morto?

- Ele não está morto, amor. Ele ouviu-te...

A Brisa olhou espantada, escancarou os olhos torneados e não hesitou em perguntar:

- Como sabes isso? Alguma vez lhe ouviste palavra? – Ela estava tão intrigada e curiosa pelo assunto que o Vento logo lhe perguntou de volta:

- Achas o Mar assim tão bonito? Assim tão grande e forte, por vezes tão calmo e tão sereno? Com os seus reflexos espelhados e o seu comprimento incomensurável?

A Brisa riu. Soprou subtilmente um beijo e chamou-o de tolo. Pediu de novo que lhe explicasse o porquê de o Mar estar emudecido.

Aproximaram-se mais e o Vento começou:

- Sabes? Todos nós somos mundos com mundos por dentro...

Primeira parte

Num tempo já há muito esquecido, na altura em que o Mar ainda falava (a Brisa intensificou a sua expressão absorta), chegou aqui a esta costa um bando de gaivotas. O grupo era relativamente pequeno e pousou naquelas falésias escarpadas e com vista para este oceano interminável, ao início do dia, quando a Lua se perdia nos raios da manhã e se diluía no azul sereno.

Nesse grupo vinha a Gaivota, uma jovem ave que nasceu no leito daquele grupo de pássaros náuticos. Quando viu o local onde iria ficar com a família nos tempos que se seguiam não conseguiu conter tamanho júbilo. Apaixonou-se pelo sítio desde o primeiro dia em que o viu. Ficava maravilhada a ver o Mar rebentar em mil bolhas de espuma contra as rochas daquela encosta imponente.

Logo no primeiro dia voou sobre o Mar, num voo muito baixinho. Conseguia encontrar-se a si mesma em reflexo enquanto sentia a maresia nas suas penas brancas. Os seus grandes olhos azuis encontravam a mesma tonalidade naquela água sem fim. Fundiu-se com o tempo e aquela beleza ao ponto de só se aperceber quando há muito tinha sido o crepúsculo. Rapidamente subiu a encosta e não se livrou de um sermão de seus pais que estavam preocupadíssimos com a possibilidade desta se ter perdido. Este desassossego traduziu-se em preparativos para uma busca desnecessária que nem se chegou a realizar.

Todos criticavam a Gaivota embora fossem hipócritas ao ponto de não lhe mostrar isso na sua presença. Eram actores peritos e mestres na arte de camuflar o escárnio e mal dizer. Ouvia-se que ela era uma má influência para todos os jovens e que desde pequena não sabia medir os valores do risco, que era irresponsável e capaz de conduzir todos à ruína. Toda esta maioria preconceituosa isolava a Gaivota no seu eu, uma vez que não encontrava ninguém com quem

conversar sobre os seus problemas sem a chamarem de louca. A sua beleza que cativava todas aquelas aves desvanecia quando conheciam o seu lado subversivo, vanguardista e petulante, demasiado revolucionário para um bando tão conservador. Diziam que quando ela falava os emaranhava num enredo de complexidade de pensamento capaz de os enlouquecer a eles também, por isso afastavam-se e apenas apreciavam o seu estonteante voo ao longe.

O Mar havia reparado naquela chegada inesperada. Não imaginava que um novo bando viesse aportar nas suas margens. Erudito e mestre, conhecia todo aquele local como cada gota da sua água ou cada pedra do seu colo. Os animais que por ali habitavam conheciam-no bem e embora muitos deles o sentissem como perigoso e inconstante, como uma fonte de medos e terrores, muito outros apreciavam a sua excelência e a ele pediam conselhos. Achavam-no muito culto e experiente pela sua já longa vida.

- Sim, imaginem só! A violentar os mexilhões que sossegados descansavam naquelas rochas a norte. Coitados, ouviam-se os seus gritos a milhas de distância, sobretudo dos mais novos que foram arrancados do colo de seus pais pelo Mar. E mesmo quando quase todos já tinham sido levados e só os mais fortes se agarravam já em grande esforço, continuou a rebentar em cima deles. Ouvi dizer que muitos pais ficaram sem os filhos e muitos filhos sem pais...

Esta notícia percorria todas as bocas e chegou aos pais da Gaivota. Quando estavam a tomar a sua refeição avisaram-na que se calhar o Mar era bem mais perigoso do que aquilo que pensavam. E além disso poderia ser mal intencionado, um tirano! Que o melhor era ela se afastar dele o mais que conseguisse.

À Gaivota custava-lhe crer naquela tolice. Mas visto que todos afirmavam aquele acontecimento como verdade incontestável, achava que devia seguir aquelas informações. Considerou estranho que algo tão belo e apaziguador como o Mar pudesse ser tão vil e,

contrariando os conselhos e avisos de seus pais, voou e dirigiu-se a ele decidida a estabelecer uma conversa e perceber o que tinha acontecido.

O Sol estava alto, tinha começado a tarde. A Gaivota inclinou-se e desceu rapidamente perfurando o Mar para se refrescar. Subiu ligeiramente e pairou sobre as águas.

- Mar! Mar! – exclamou ela, alto.

- Quem me procura com tanto ímpeto? – inquiriu ele sentindo-se uma agitação circundante.

A Gaivota elevou-se um pouco mais no ar.

- Estou aqui, bem por cima de ti. Chamo-me Gaivota e cheguei há uns tempos a esta encosta. Ouve-se por todo o lado que fizeste mal ao mexilhões...

- Acreditas sempre em tudo o que se diz e ouve por aí? – O Mar estava calmo, tranquilo, nunca perdendo a sua compostura. O seu tom era grave.

Ela própria considerou aquela questão antes de estar ali.

- Não, nem tudo. Por isso é que vim aqui tentar saber o que realmente se passou. Desculpa se te pareceu que eu te estava a acusar. Não era minha intenção. – Sentiu-se envergonhada.

- Não faças caso. Só é mais importante que tenhas dúvidas do que certezas. Eu não fiz aquilo de propósito aos mexilhões, claro que não fiz. Sabes que eu sou uma força da natureza e não consigo controlar tudo em mim. Tenho tanto em instinto como tenho em controlo. É como as andorinhas que inevitavelmente migram em busca das altas temperaturas ou como os ursos que hibernam durante o tempo frio. É algo que temos dentro de nós que nos escapa ao raciocínio e, por essa razão, não estava a conseguir controlar-me, só sentia uma intensa necessidade - como se não houvesse outro caminho – de embater fortemente naquelas rochas. Só me apercebi mais tarde de que estavam ali os mexilhões e mesmo assim não pude fazer nada. É o mesmo que te culparem por teres necessidade de morar à beira da água salgada.

A Gaivota ouvira toda a justificação muito atentamente. Pedira desculpa e ficaram por mais um tempo a conversar. Após o Mar explicar à Gaivota toda a sua grandeza, tudo o que fomenta e o seu poder e força, ela sentiu-se intrigada.

- Posso perguntar-te... quantos anos tens? – A Gaivota fez a pergunta a medo. Sentiu-se um pouco embaraçada com aquela pergunta, não queria parecer indiscreta.

- Ao início era fácil contá-los, mas agora para o fim... já não sei ao certo, comecei a pensar que era só tempo e que tenho reservada a eternidade para mim.

- E isso não te deixa contente? Nunca terás de enfrentar a morte. Já eu estou condenada a esta vivência com fim delineado.

- Acredita que após tanto tempo a viver sem ter nunca outro rumo a morte passa a ser, por vezes, um desejo. Quando se está condenado a viver mesmo após deixar de haver existência, a vida começa realmente a assumir proporções estonteantes. Quando comecei a ter estes pensamentos sentia-me só, desamparado, ganhando consciência de que a minha vida seria uma repetição constante de épocas, fases, ciclos; um voltar ao antigo vezes sem conta, e que não havia nada de novo em mim, permaneceria como que congelado na arca do tempo.

- És indispensável, é a maior certeza que tenho de momento. Além do mais, qualquer vida finita segue essa tua explicação: retornos ao antigo constantes.

- Às vezes gostava de ser mais egoísta e pensar primeiro no que quero e só depois no interesse que tenho para os outros. Mas não te preocupes com reflexões absurdas de um antigo elemento. Prometes-me que, para todo o sempre, seguirás o teu coração e farás assim valer a vida?

- Apenas se e só se fizeres o mesmo.

- Não é justo pedires-me isso. Teria de fazer um juramento a cumprir para a eternidade.

- Parece-te então justo pedir algo eterno a um ser mortal?

Talvez o Mar se tivesse deixado encantar por aqueles olhos da sua cor ou pela juventude que pensara há muito ter perdido. Fizeram no primeiro encontro o primeiro pacto. Um pacto para sempre.

Já era bem de noite e a Brisa repousou e adormeceu ao colo do Vento quando ele encerrou a história, por aquele dia, com aquelas palavras. Tinha-o feito prometer que se encontrariam mais cedo, a meio da tarde no dia seguinte, para que continuasse a narrativa. E assim foi, ainda o Sol estava alto quando se encontraram no mesmo sítio, sobre as mesmas rochas humedecidas, com a paisagem do dia anterior.

- Pronta para que continue a história?

Ela não respondeu. Aninhou-se de novo contra o seu peito transparente e esperou que recomeçasse.

Segunda parte

Depois desse pacto de que te falei eles voltaram a encontrar-se, cada vez com maior frequência. Claro que aquilo gerou logo motivo de conversa entre o bando, e todos diziam que os pais da Gaivota deveriam ser avisados de que a filha havia passado os últimos tempos num contacto constante com o Mar, aquele que já muitos consideravam ignóbil, mau. E devido àquelas características que lhe atribuíam deixaram de considerá-lo bonito. Mesmo quando ele

presenteava a encosta com a mais bela aurora de raios delgados e oblíquos, vindos de levante, espelhados no seu comprimento, era apelidado de feio. E devido à união do bando, todo e qualquer elogio feito ao Mar era reprimido e dissolvido rapidamente.

Então quando a Gaivota tentou explicar que o que o Mar fizera aos mexilhões era devido ao seu instinto, foi a rebelião de todas aquelas aves. Perguntaram-lhe se ela queria desonrar a família e deixar de ser considerada um membro daquele bando. Nem a deixaram explicar o que ela tinha descoberto pois era logo vaiada e calada com gritos de "isso são meras desculpas".

Vendo-se impotente perante aqueles acontecimentos, deixou de tentar mudar o bando. Porém, não deixou de marcar encontros com o Mar pois sabia que ele lhe fazia bem, era bom conselheiro e ela gostava muito da sua companhia e das suas conversas.

Tinham combinado encontrar-se junto a um penedo de tamanho suficiente para os esconder de olhares indiscretos. O Mar havia procurado por todo o lugar a mais bela concha que poderia existir. Parecia ter sido esculpida tendo em atenção os mais ínfimos retalhos. Esperou imenso pela chegada da Gaivota mas ela não aparecera. Como era seu hábito, pôs-se a ponderar hipóteses atrás de hipóteses e atemorizou-se com a ideia de os pais a terem proibido de se encontrarem e ela ter cedido àquela opressão. Não a culpou, apenas se entristeceu por pensar que valia mais do que aquilo, por pensar que era importante na curta vida de uma gaivota marítima, jovem e tola, com um encanto raro e um interior tão profundo quando ele.

Quando a Gaivota chegou, pensando de si para consigo que mais atrasada não poderia nunca estar, viu o Mar mortiço e brando encostado ao penedo. Chamou-o e aproximou-se mais, mas não obteve resposta. Ele não estava ali. Deveria estar a maior profundidade ou a centenas de milhas daquele local. Chamou-o de novo e viu as suas vontades goradas. Encheu-se de esperança e sentou-se. Chamava-o em cada onda que vinha, depois chamava-o de cada vez que um pássaro cruzava o céu, por fim a maré tinha descido e prometeu a si mesma esperar

apenas até a água voltar, numa onda, a tocar o penedo. Quando tal aconteceu, veio a rebolar com a areia molhada e dispersa a concha que o Mar lhe queria oferecer. Ela baixou-se para a apanhar e quando se achou com aquela relíquia sussurrou:

- Mar...

- Gaivota – pronunciou num murmúrio tão suave quanto o dela.

A Gaivota não resistiu e avançou para sentir a água. Pediu desculpa por não ter chegado à hora que havia sido acordada mas os seus pais insistiram em levá-la a casa de uns amigos para que ela pudesse passar algum tempo com o filho deles. Ela prometera que levantara voo mal tinha tido oportunidade e falara-lhe do desgosto e angústia em que se encontrou quando, ao chegar ao penedo, ele não estava. O Mar apenas disse que estava feliz por ela ter em sua posse a concha que ele havia colhido para ela.

Quando a Gaivota teve de voltar para o topo da falésia, despediu-se do Mar e não resistiu a desenhar dois círculos no céu para o poder ver de novo. Queria levar a sua imagem para o ver, mais tarde, sem ser com os olhos. Ele acompanhou o seu voo e lançou-se fortemente contra a arriba. Ao encontrar a rocha, as suas mil águas dividiram-se em milhões de gotas que ascenderam aos céus tocando a Gaivota mesmo antes de sentirem a gravidade a puxá-las para baixo. Ela aproveitou a concha que agora possuía e levou consigo uma gota, o coração do Mar.

Certa noite, a Lua estava a inquietar a Gaivota, não a deixava dormir. Permanecia com os olhos fechados mas não encontrava descanso; era tamanha a sua inquietação interior que não conseguia domar. Sem fazer o mínimo de barulho saiu, pé ante pé, de perto de seus pais, que dormiam, e deixou-se banhar pelo luar. O topo da falésia estava escuro, num esverdeado adormecido. Na luz da Lua, toda a alameda parecia transparente. Ela continuou a aproximar-se da borda e olhou para baixo e em redor, estava um silêncio calmo que lhe causava algum desconforto. Uma aragem acariciou-lhe as penas e intensificava-se, na escuridão, o aroma

marítimo. Inclinou a cabeça para cima com os olhos fechados e respirou fundo; lentamente, abriu os olhos de novo e vislumbrando um céu tão estrelado pensou que este tivesse descido sobre si.

No horizonte não conseguiu distinguir o céu do oceano. A Lua pousava alta no manto negro sarapintado de estrelas e o seu reflexo nas águas duplicava-a na paisagem. A Gaivota viu o Mar a fazer tremer o reflexo da Lua, brincando com ela. Sentiu-se irritadamente triste e não quis sequer fazer perguntas aos seus sentimentos. Lançou-se da encosta rapidamente e fez-se de distraída, voando levemente pela acalmia noturna. Desejava, no fundo, que o Mar lhe dissesse alguma coisa e que desviasse a sua atenção da Lua, sua única companheira na noite imóvel. Continuou por longos minutos a tentar seduzi-lo, pondo volúpia em cada bater de asa, até chegar ao ponto de se considerar ridícula e tola. Que sentido fazia aquele voo sem ninguém em seu redor? Estava claramente a chamar a atenção do Mar e, ao sentir-se manifestamente denunciada, levantou.

- Gaivota! – silvou o Mar, com alegria.

Ela sentiu uma ambivalência de sentimentos. Não sabia se haveria de estar satisfeita ou aborrecida por ter sido apanhada no seu próprio jogo. Só sabia que não iria dar o seu lado fraco.

- Boa noite – saudou com um sorriso convidativo.

- Não é tarde para andares por aqui sozinha?

- Não conseguia dormir... - e deixou-se pairar e descer muito devagar.

- Então fizeste muito bem em sair e apanhar ar! – incentivou ele, acariciando-a com o olhar. –

Mas os teus pais não vão ficar preocupados?

- Eles não sabem que eu saí, não os quis acordar...

- Vieste então até aqui para me falar? – E o Mar tremeu, todo ele, fazendo algumas gotas ressaltarem, criando pequenos pontos de espuma.

A Gaivota corou. Sentiu-se feliz por estar de noite e o seu rosto estar na penumbra enquanto o sangue lhe fervilhava a face. Sentia-se mais feliz ainda por, mesmo de rosto vermelho, estar com o Mar, mesmo sendo proibido, mesmo sendo imoral, mesmo sendo ridículo.

- Ah... - respirou fundo. – Na verdade é mais ou menos isso. Precisava de sentir esta brisa marítima fresca que só tu tens.

Os seus corações batiam agora num unísono veloz e compassado. Entraram num silêncio profundo e o Mar, mesmo com a mudez da Gaivota, via nas palavras que ela tinha dito, nas que tinha por dizer, nos seus jeitos ou trejeitos, no que ela fazia e no que não fazia... ele via o amor que ela lhe tinha.

- E sais a esta hora, neste breu, para sentires a brisa? Não é perigoso? – perguntou ele, atento, com um tom de voz grave e doce, reverente e tímido.

Ele dissera: “Não é perigoso?”, mas ela ouvira “Quero-te! Oh! Quero-te, querida. Para todo o sempre”. E “Quero-te” era o que repetia cada ondulação, a espuma, as rochas, a luz, a meia-luz, a sombra e o ar.

Naquele retalho de tempo, ela soube que ele era seu e que jamais o perderia, bem como havia sabido o Mar, instantes antes, quando o silêncio fora melodioso.

A Gaivota estava muito feliz e muito inquieta, numa inconstância que não conseguia conter no seu interior. Seria o Mar o amor supremo? Ela sentia-o assim, mas poderiam ficar juntos? Poderiam viver felizes para sempre? Não. Porque não existia um “para sempre” para ela. Sentia uma angústia que lhe asfixiava o interior e sabia que a única solução seria falar com alguém. Estava a precisar de conselhos e de perspectivas que lhe poderiam estar latentes por tão em cima do problema estar. Mas não poderia recorrer ao Mar, seu eterno amante, exactamente por isso. Mas só dele se lembrava quando buscava palavras de conforto.

Lembrou-se da avó com quem tinha sido criada. Ela teria de entender o que sentia, além do mais não lhe restavam outras alternativas. Voou ao seu encontro e foi encontrar aquela velha gaivota sentada no ninho, encurvada já e com os olhos semi-cerrados do cansaço de vários anos. Já não conseguia voar, apenas se dignava a contemplar o voo das jovens aves sobre a paisagem oceânica. No entanto, apesar da sua fisionomia findada e do semblante por vezes carrancudo, a sua lucidez permanecia completamente intacta, bem como o seu bom senso e implacabilidade. A Gaivota não conhecia outro alguém mais experiente e consciente do que a sua avó que, apesar de sempre calada, guardava para si as conclusões mais surpreendentes e úteis. Sempre apologista de que se aprende mais calado do que a falar muito, seguiu esse lema à risca.

A Gaivota estava um pouco hesitante. Apesar de conhecer bem a sua avó, pairava no ar uma tensão tangível que a fazia sentir-se desconfortável e com pensamentos de remorso; até chegar ao seu encontro sentiu-se muitas vezes tentada a virar costas e esquecer, daí em diante, o Mar. Mas o seu pequeno coração naquele peito frágil, a cada batimento, fazia questão de lhe lembrar que o amor não nos deixa fazer escolhas em seu lugar e que tem uma tendência - estranhamente provocadora - para optar pelo mais condenável possível.

A avó da Gaivota ficou muito feliz por vê-la. Mal estiveram cara a cara, a velha ave conseguiu chegar à sua alma com o seu olhar profundo; percebeu instantaneamente que alguma coisa essencial se passava, e que o que quer que fosse estava a mexer no coração da sua neta.

Com alguma dificuldade, a Gaivota foi abrindo o seu coração ansioso, ao início com maior reserva e depois com maior fluidez. A avó ouviu tudo com muita atenção, sem nunca interromper. Anteviu a questão que a atormentava: "poderiam eles amar-se?", e soube que nunca tinha estado perante uma situação tão aguda quanto aquela. Toda a gente sabe que os amantes devem permanecer no mais conveniente e convencional, que não faz sentido uma gaivota não se apaixonar por outra gaivota. Mas também todos sabem que o amor é tudo menos

consensual e que gosta de desafiar as regras e conveniências. Mas então qual destas premissas deveria valer mais, uma vez que se anulavam mutuamente? Nos poucos segundos que se seguiram à Gaivota ter narrado os últimos acontecimentos, a sua avó teve todos estes pensamentos pela cabeça. Disse-lhe, de um modo doce e recto, que não é oportuno ela amar o Mar, que de certeza que o que ela sentia não era amor e que aquilo lhe iria passar. Porém, sentia-se completamente tosca pelas palavras que estava a dizer, estava a tentar enganar quem? A si própria? Sabia perfeitamente a genuinidade das palavras da Gaivota, e sobretudo dos seus sentimentos, todavia achava-se num dilema entre dizer o que realmente deveria dizer e dizer o que era suposto que dissesse. Ninguém iria aceitar aquele amor, mas ela tinha consciência de que o mais importante era os sentimentos. Mas queria ela incentivar a sua neta a seguir o coração, pôr para trás das costas a família, o bando, as tradições e regras e ser feliz? Não. Porque isso em si não iria trazer felicidade, muitas vezes só o amor não chega. O que restava saber era se se colocados numa balança, o amor pelo Mar iria pesar mais do que todo o resto. Confiante de que não passaria de um amor pueril e temporário, continuou a aconselhá-la no sentido de se afastar do Mar pois se ele estivesse longe da vista estaria longe do coração. A pequena não se conteve e disse que morreria se não o visse, que isso não seria sequer vida e que depois de o ter conhecido nada mais tinha sido igual.

- Eu percebo o teu encanto por ele, penso que todas as gaivotas o tiveram alguma vez e, como será também o teu caso, passou-lhes. Além de passageiro era sem importância. Também eu, nos meus tempos juvenis, senti algo por esse Mar sem fim! Todos nós nos apaixonamos pelo que é bonito e o Mar é belíssimo...

- Avó! – interrompeu a Gaivota. – Mas é mais do que isso, é muito mais do que isso. Eu não gosto dele apenas por contemplar a sua beleza, aliás, isso ultimamente é a última coisa em que penso. O que amo é o seu ser, as palavras que me dá de presente, o seu sentido de consciência. – Mostrou à avó a concha que ele lhe tinha dado onde permanecia a gota-coração.

A avó da Gaivota continuou, inutilmente, a tentar dissuadi-la daquele amor. Chegou a invocar a dignidade da sua família e do seu bando, mas nem isso a conseguiu derrubar. Perguntou-lhe se ela queria ser banida para sempre e a Gaivota ficou triste, a pensar nos seus pais que tanto estimava. Mas também não poderia calar as suas emoções apaixonadas ou o seu pensamento unicamente motivado pelo Mar. Não era só por adormecer e acordar a pensar nele, isso acontece com as paixões mais frágeis. Ela não pensava nele quando tinha motivos para o fazer mas fazia dele o motivo dos seus pensamentos.

Despediu-se da avó com maior alívio, no entanto. Sabia que a ela podia confiar as suas preocupações pela sua fidelidade inquebrável. Sentiu que voava mais rapidamente por ter partilhado os seus pesados tormentos de consciência, mas os seus problemas continuavam a existir. Apesar de ter encontrado alguém com quem os partilhar, eles continuavam a apelar por resolução.

A avó, mal a viu partir, sentiu-se preocupada com ela. Com certeza que alguém desconfiava daquele amor inevitavelmente condenado, e com maior certeza que não guardava o que sabia para si. E estava certa a velha gaivota, no bando começava a levantar-se uma preocupação ainda discreta entre a relação dos dois amantes. As aves mais alcoviteiras prolongavam o serão nos ninhos umas das outras e ficavam horas a cochichar e a praguejar aquele amor a que chamavam de imoral e impróprio.

À Gaivota, todos aqueles rumores passavam despercebidos. Ela estava tão aluada que eles lhe passavam ao lado como a paisagem numa longa e célere viagem.

Num momento de pensamento livre, ela ouvia-se dizer que o Mar era a personificação dos tragos da sua consciência, todas as metáforas impossíveis do verbo querer. Por estar neste patamar audaz e inóspito, a Gaivota tentava quantas vezes projectar-se em paixões fascinantes que assentavam na sua obsessão romântica pelo amor. De tal forma que a sua alma boémia vadiava como nunca por pensamentos que jamais poderiam ser reais. Não eram sequer feitos da

mesma matéria. Não eram da mesma espécie. (Seria o imenso Mar de alguma espécie?) Ela apenas sabia que ele era uma espécie de céu genuíno que enleava todo o seu ser num contentamento descrente. E de cada vez que pensava adormecer sobre ele, todo o resto perdia matéria. Acreditava apenas que ali jaziam duas almas com uma fé em luto da esperança.

Surgiu-lhe uma questão: Poderia ela transcender-se e tornar-se infinita? Poderia viver para sempre como o Mar? (e com o Mar?) Ela estava disposta a voar todo o universo para encontrar o seu arquitecto e poder pedir para ele a desenhar de novo, como algo eterno.

Poderia então o Mar amá-la eternamente mas ela apenas poderia amá-lo ao longo da sua existência. Não lhe parecia justo. Queria amá-lo não até à morte mas até depois disso. Até ao nada que é tudo. E sentia-se impotente por não poder dar um ínfimo daquilo que o Mar lhe queria dar. Fechou os olhos e procurou, em alegoria, comparar o seu coração ao coração do Mar e não conseguia ver o seu. Sentiu-se tão triste pela condenação do ser vivo à morte. Se um dia partimos deste mundo, os que mais amamos partem deste mundo e se tudo o que deixamos irá desaparecer; qual é afinal o objectivo de viver?

Por fantasia, cheirava a maresia, ouvia o rebentar das ondas, via a espuma, tocava a água e saboreava o sal. Numa cinestesia encantadora, adormeceu.

O Mar abraçou a Gaivota com uma onda suave que lhe orvalhou as leves penas. Ela deu um rodopio e soltou uma das suas gargalhadas mais amenas. Deixou-se agarrar de novo pelo Mar e ficou pousada na água. Um silêncio confortável e tenro suave entre os dois. Foi o Mar quem o quebrou.

- Não te quero apoquentar, mas já reparaste que sempre que vens ter comigo todos aqueles teus semelhantes olham-nos da costa como miradouros atentos?

A Gaivota mostrou o seu rosto altivo:

- Não, jamais havia reparado...

- Porque mentes? Está claríssimo aos meus olhos menos ou tanto quanto aos teus.

- Meu Mar, eu não reparo porque não quero reparar... - confessou por fim.

- A mim incomoda-me.

- Sabes, tu sabes amar como um intelectual. Amas-me como um intelectual!

O Mar mostrou-se curioso e confuso. Não percebia o que queria a Gaivota dizer. Seria algo mau? Bom? O que a levaria àquelas ilações?

- Não estou a perceber muito bem... - admitiu.

- O mundo não gira sobre a lógica... - principiou a Gaivota, mas rapidamente se apercebeu de uma explicação mais simples e clara. - Bem, tu amas-me?

- Irremissível e irrevogavelmente.

- Eu disse que me amavas como um intelectual – afirmou sorrindo e olhando o Mar com ternura. - Tu amas-me, decerto. E pensas, repensas, racionalizas, fazes cálculos e ainda regurgitas. Depois reflectes e, por conseguinte, meditas. À noite ainda dormes sobre o assunto. E assim passas toda a tua vivência infinita a tentar materializar aquilo que é imaterial.

O Mar estava absorto. A Gaivota continuou.

- Acabas por te esquecer que o Amor e a Razão têm um ódio com uma história tão longa como o Tempo. Devem ter pactuado nunca se encontrarem no mesmo local, na mesma hora.

Envergonhado, o Mar olhou-a de soslaio.

- Amas-me, Gaivota?

Ela mostrou um brilho nos seus olhos que fazia o sol reflectido na extensão do Mar a invejar. Levantou voo sem qualquer palavra ecoar. O Mar havia percebido que a Gaivota o amava para lá do irremissível, para lá do irrevogável, e que não tinha precisado do intelecto para lho provar.

Última parte

A chuva caía tão depressa que o seu barulho interminável acordou todo o bando numa manhã. Não era esperada aquela chuva triste, tão triste que enegrecia a paisagem em tons cinzentos e opacos.

Preocupados com todos os rumores que se tinham formado ultimamente e percorriam toda a encosta, os pais da Gaivota quiseram encontrar-lhe um marido que fizesse desviar as atenções do seu disparatado amor com o Mar. Queriam que ela entendesse o tamanho ridículo daquela paixão e tinham esperança que ela caísse em si e deixasse as suas quimeras utópicas do amor.

Nesse dia de chuva, a Gaivota chegava a casa muito contente. Tinha estado a namorar toda a manhã nos penedos imponentes e no areal branco. Chegou perto dos pais totalmente encharcada e arrepiada. Com rodeios intermináveis, finalmente disseram-lhe que estava na hora de ela seguir a sua vida e gerar uma família. Acrescentaram que tinham falado com os familiares e amigos de uma outra gaivota muito forte e independente - que daria um excelente marido! – e todos eles tinham achado uma ideia fabulosa. “O bando tem-no em muito boa conta! É uma ótima escolha e irá fazer com que todos estes boatos se dissipem!”

A chorar, a Gaivota virou-lhes costas e caminhou a passo rápido. À sua volta, as aves do bando circundavam-na com a sua presença inconveniente e o seu olhar penetrante e desconfortável. Ela chorou mais.

Naquele momento de fraqueza, descartou mais o raciocínio do que era seu hábito. Deixou para trás o mais aceitável, o mais previsível ou desejável. Optou pelo seu coração juvenil e apaixonado que não conseguia mais aguentar aquele dilema. Ter chegado àquela encosta tinha sido maravilhoso e ela preferia dar a sua vida a nunca ter conhecido o Mar. O que tinham partilhado era suficiente para a realização da sua existência enquanto ser, ela sentia que muitos viviam vários e longos anos sem nunca sentirem o que ela havia sentido, com aquela

intensidade de sentimentos semelhantes a cavalos selvagens, que quanto mais tentamos domar mais se perdem por entre a sombra da bruma da praia.

Lançou-se do topo da arriba, tal e qual um objecto jogado para longe. Abriu as asas ainda de olhos fechados. Voou obliquamente até se fundir no sol – que encontrara uma abertura por entre as nuvens chuvosas - e deixar de ser vista devido à intensidade da luz. Os olhos estavam semicerrados e as bocas de todos aqueles animais curiosos e absortos estavam escancaradas. A Gaivota sentia-se de pensamento livre, sem pesos de consciência, sem discriminações, sem condicionamentos ou implicações, porque o seu coração estava, todo ele, aberto. Ela sentia que nenhum outro rumo deveria ser tomado, que nada tinha ficado por dizer. Por estar neste estado raro de vida, desenhava o voo mais elegante que alguma vez tinha conseguido, com tamanha delicadeza que a ninguém passava despercebida.

Apenas a velha avó da Gaivota conseguia adivinhar o seu bater de asas frágil, só ela sabia os motivos e o desfecho de toda aquela história.

Inspirou, expirou. A Gaivota abriu os olhos e não tinha horizontes, não tinha preconceitos ou problemas de expressão. Aquilo a que se chama impensável é o passo para conseguir exceder limites e superar obstáculos, com vista a alargar as fronteiras do aceitável ou correcto; e ela sentia-se orgulhosa e cheia por ter tentado. Recolheu as asas e deixou o seu corpo delgado descer das alturas como fio-de-prumo. Levava a concha com o coração do Mar perto do seu.

Tinha cinquenta mil pensamentos em fila de espera na sua mente, mas não deixou que nenhum a abordasse. Queria levar apenas a imagem do Mar infinito consigo. Apertou a concha contra o peito e deixou-se levar pela gravidade.

O bando sentia-se desonrado pelo amor que a Gaivota tinha pelo Mar, no entanto era ela quem sentia maior vergonha, vergonha daquele grupo que outrora considerou seu, pela sua ingenuidade e falta de bom senso. Ela perguntava-se como era possível que tanta vulgaridade e mesquinhez fossem capazes de cegar tanto, ao ponto de fazerem fechar os olhos ao coração e

prendê-lo num baú, para que se seguisse o socialmente aceite. Seriam esses os valores correctos por serem os da maioria? Ou seria apenas a maioria uma forma de imposição de ideias pequenas apoiadas por muitos cegos? Mesmo podendo ser apoiadas de modo indelével, a Gaivota sabia que isso não significava que fossem absolutas, porque absolutismos são demasiado castradores. Se o que ela sentia era tão verdadeiro, tão profundo e genuíno, como poderia ser errado? Não fazia qualquer sentido.

O Mar agitara-se numa inquietação tempestuosa. Ele estava incontrolável ao ver toda a cena. A sua ansiedade era transparente de mais e ele só desejava que a Gaivota parasse, que pensasse noutras soluções e pusesse fim àquela loucura. Ela, de facto, tinha dito que ele pensava de mais. Ela somente estava a seguir o seu coração.

Estava a poucos metros da tona desassossegada. Todos silvavam para que parasse, porém, ela não o fez. Penetrou as águas segredando ao Mar um "amo-te".

E ele nunca a tinha sentido assim, tão sua e tão feliz. Feliz por estar envolta no que lhe pertencia, por senti-lo em cada recanto do seu corpo. Abriu os olhos e lá estava ele para si; e toda a infinitude do tempo pela frente para os dois. Aquele momento pareceu eterno embora ela soubesse que apenas duraria enquanto tivesse ar nos seus pequenos pulmões, mas como ela pensava de menos, não se lembrou desse pormenor sem importância. Debaixo de água reinava uma paz contrastante com a tempestade que se via de terra. Os pais da Gaivota choravam por não terem evitado aquela tragédia que esteve nas suas mãos; contudo era tarde de mais.

Abraçada pelo seu amor, a Gaivota não teve medo por um segundo que fosse. Aguardou ela a eternidade, pacificamente. E quando o ar não mais existia no seu interior, o seu corpo começava a ser levado, pelos braços do Mar, para repousar no fundo. E ele chorava lágrimas salgadas como toda a gente.

A Brisa fungou. O Vento apertou-a para a aconchegar.

- E foi assim que o Mar jurou nunca mais falar. Em homenagem a uma pequena gaivota que amou e que se sacrificou para honrar o amor de ambos, num voo que se desvia de todos os outros. Uma ave que, por devaneio do coração, teve um amor impossível, no entanto tão correcto como qualquer outro. A sua mudez é um lembrete indestrutível da insustentável leveza do mundo que, convencido dono da razão, avança a sua marcha deliberada em frente...

A Brisa pousou um olhar de respeito sobre o Mar que tinha escutado, comovido, toda a história narrada pelo Vento. Quando os dois amantes eólicos voaram dali, o Mar voltou ao seu fundo para reencontrar a Gaivota. Todos os dias regressava àquele jazigo onde já mal se encontravam vestígios da ave enamorada. Restava uma concha antiga, mas que continuava a ser a mais bonita de todas. Não representasse ela, pois, o pequeno coração da Gaivota que se deixava, para sempre, envolver no grande coração do Mar.